

CRASE

#11

Junho - 2011

Ano 1 - 11ª Edição - Junho - 2011

NO AR

Uma voz contra vozes

O rigor poético de Thiago Ponce de Moraes

A verdadeira identidade de Carlos Zéfiro

Em cartaz, a pornografia de Zéfiro

Na ponta dos dedos

Se a voz do povo é a voz de Deus...

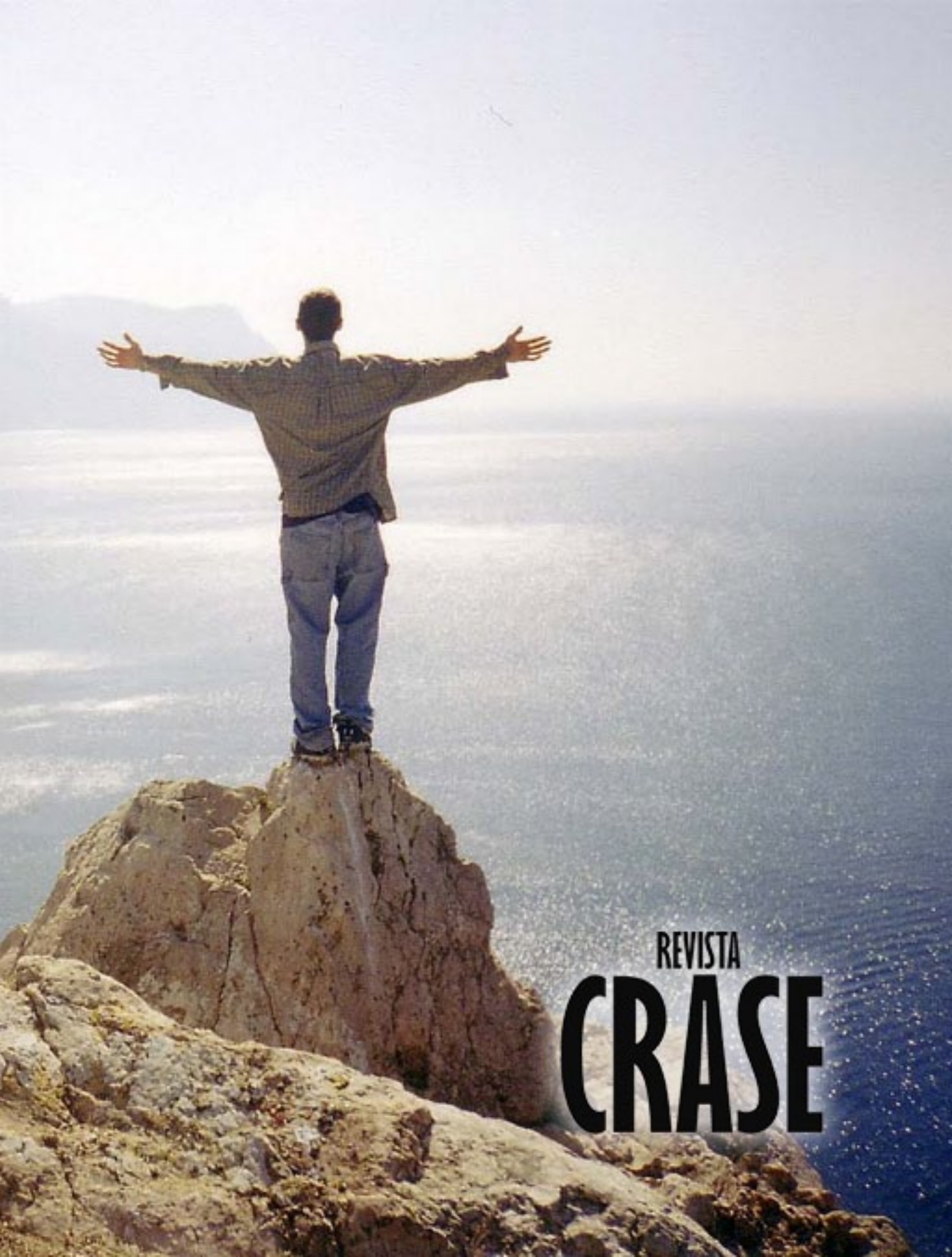
NOVO
DEGASE
TV

NOVO
DEGASE

A scenic view of a mountain range with a dirt path in the foreground and a black text box overlaid. The path is made of dirt and small rocks, leading up a hillside. The mountains in the background are hazy and layered, suggesting a vast landscape. The sky is a pale, clear blue.

Liberdade:

De escolha, de expressão,
de sexualidade, de religião.



REVISTA
CRASE

índice

p. 08 **Editorial**

p. 10 **Uma voz contra vozes**

A linguagem poética anti-performática de Thiago Ponce de Moraes.

p. 16 **A verdadeira identidade de Carlos Zéfiro**

Em cartaz, a pornografia de Zéfiro.

p. 20 **Estampa, arte, comunicação**

As estampas que dizem quem você realmente é.





p. 24 **'TV Novo Degase' no ar**

A reformulação de um pré-conceito.

p. 36 **A Voz do Cinema Mudo**

O movimento artístico que revolucionou a indústria cinematográfica.

p. 43 **A voz das diferenças**

Uma ode à originalidade.

p. 49 **Na ponta dos dedos**

Se a voz do povo é a voz de Deus...

p. 55 **CRASE** José Antônio

CONVIDA

O publicitário e psicólogo dá seu parecer sobre comunicação.

REVISTA CRASE

DIRETORIA

Direção-Geral: Dans Souza

Editor-Chefe: Rafael Farah

Diretor Executivo: Diego Senra Dansiger

REVISTA CRASE

Redatores: Bruno Buhr, Cadu Senra,
Clarissa Affonseca, Leandro Bertholini,

Tiago Garcia, Vinícius Baião

Revisor: Thiego Balteiro

Produção: Yves Araujo

ARTE

Diretor de Arte e Diagramação: Nicolas Dani

Assistente: Clarissa Affonseca

FOTOGRAFIA

Editor-Responsável: Diego Val

INTERNET

Desenvolvedor: Makerz



Editorial

A comunicação – como algo universal – é imperativa para a convivência não só do ser humano como de qualquer outra criatura. A formação de palavras, habilidade do homo sapiens (e alguns poucos animais) é importante, mas desnecessária. Comunicamo-nos uns com os outros a todo momento, de inúmeras e diferentes formas e, é em homenagem a essa constante universal que a Crase traz uma edição sobre comunicação sem voz.

“Era uma vez” seria mais que apropriado para contar a história do projeto TV Novo DEGASE. Tirando a falta dragões e donzelas em perigo, esta iniciativa, há pouco tempo atrás, poderia ser considerada quase uma fantasia. Os engessados conceitos da sociedade contemporânea nos impediam de enxergar o potencial bem debaixo de nossos narizes. Neste mês, trazemos para vocês essa fantasia posta em prática na reali-



dade. Adolescentes em conflito com a lei finalmente podendo mostrar - metafóricamente - seus rostos.

É claro que não paramos por aí. Carlos Zéfiro, pseudônimo usado para publicar seus quadrinhos pornôis durante a ditadura militar, será uma das figuras de peso ressaltadas nesta edição. Cantores como Chico Buarque, Tom Jobim e João Gilberto também dão as caras para mostrar que a voz perfeita é aquela com sentimento e, para não parar com a combinação artística, em literatura, conversamos com Thiago Ponce de Moraes. Poeta contemporâneo e ativista na luta contra saraus, recitais e afins. Passando pelo cinema mudo e a indústria da estamperia, esta edição está imperdível!

Rafael Farah



Uma voz contra vozes

A ineficácia dos saraus cariocas na opinião do poeta
Thiago Ponce de Moraes

por Vinicius Baião

Altamente culto e dono de um discurso permeado por citações e referências literárias, o contato com o poeta carioca Thiago Ponce de Moraes já impressiona de imediato. Saber que aos 24 anos já é mestre em literatura portuguesa e autor de dois conceituados livros de poesia, “Imp”, Ed. Caetés, 2006,

e “De gestos lassos ou nenhuns”, Lumme Editor, 2010, aumenta ainda mais seu fascínio. Tamanha bagagem e profundo conhecimento sobre obras, autores e períodos literários fazem com que Ponce tenha opiniões bastante próprias (e bem fundamentadas) sobre o atual cenário da poesia brasileira, e em especial

sobre o panorama característico do Rio de Janeiro, marcado pela pluralização de saraus e recitais.

Sobre o tema, não foge à polêmica ao afirmar que “enorme parte” desses eventos são de “péssimo gosto – e de uma confusão constrangedora”, sendo “uma mistura de falta de conhecimento em música; com falta de conhecimento em artes cênicas; com falta de conhecimento do próprio ato da escrita.” Considera que a multiplicação de eventos desta categoria não contribui com o desenvolvimento poético dos artistas participantes, pois raros são os contatos com “poemas e poetas fortes” – Thiago apressa-

-se em esclarecer que esta não é uma expressão sua, mas de Harold Bloom, um dos mais importantes pensadores contemporâneos sobre literatura.

“ . . . E s t a r á
sempre sujeito
a pressupostos
confortáveis...”

Thiago transita habilmente entre diversos períodos da literatura e diversos conceitos da teoria literária, reconhecendo que a poesia falada (cantada) é tão antiga quanto a própria ideia que se faz sobre poesia, porém não aceita este argumento como

defesa para a realização de tantos saraus, pois se o intuito da poesia falada era ajudar a “memorizar mais facilmente uma história a ser recontada”, como o caso das grandes epopéias, hoje o ato de falar a poesia objetiva apenas facilitar o entendimento e aproximar o contato com o receptor, o que para Ponce já é um problema, pois “se o escritor visa conquistar ou agradar a um público, já está comprometida a postura de escrita poética”, uma vez que “ele estará sempre sujeito a pressupostos confortáveis e não conseguirá desenvolver uma obra consistente, mas sempre uma



Thiago Ponce

resposta mercadológica a determinados anseios.”

Thiago Ponce salienta ainda que, atualmente, ocorre uma difusão do pensamento de que a “performance pode dar conta de um poema “fraco”, destacando que se o poema é fraco “já não é nem poema”. Ao ser lido, ele “pode até

funcionar”, não como poesia, mas com algo que se pareça a um “show de stand-up comedy, embora com alguns joguinhos rítmicos e rítmicos.” Para reforçar seu pensamento sobre a necessidade do rigor na obra de arte, e contra essa facilitação em demasia, Ponce cita a “Minima Moralia”, de Adorno: “só aquilo que, em verdade, é alienado (...) é capaz de tocá-

-las como algo familiar. Poucas coisas contribuem tanto para a desmoralização dos intelectuais.”

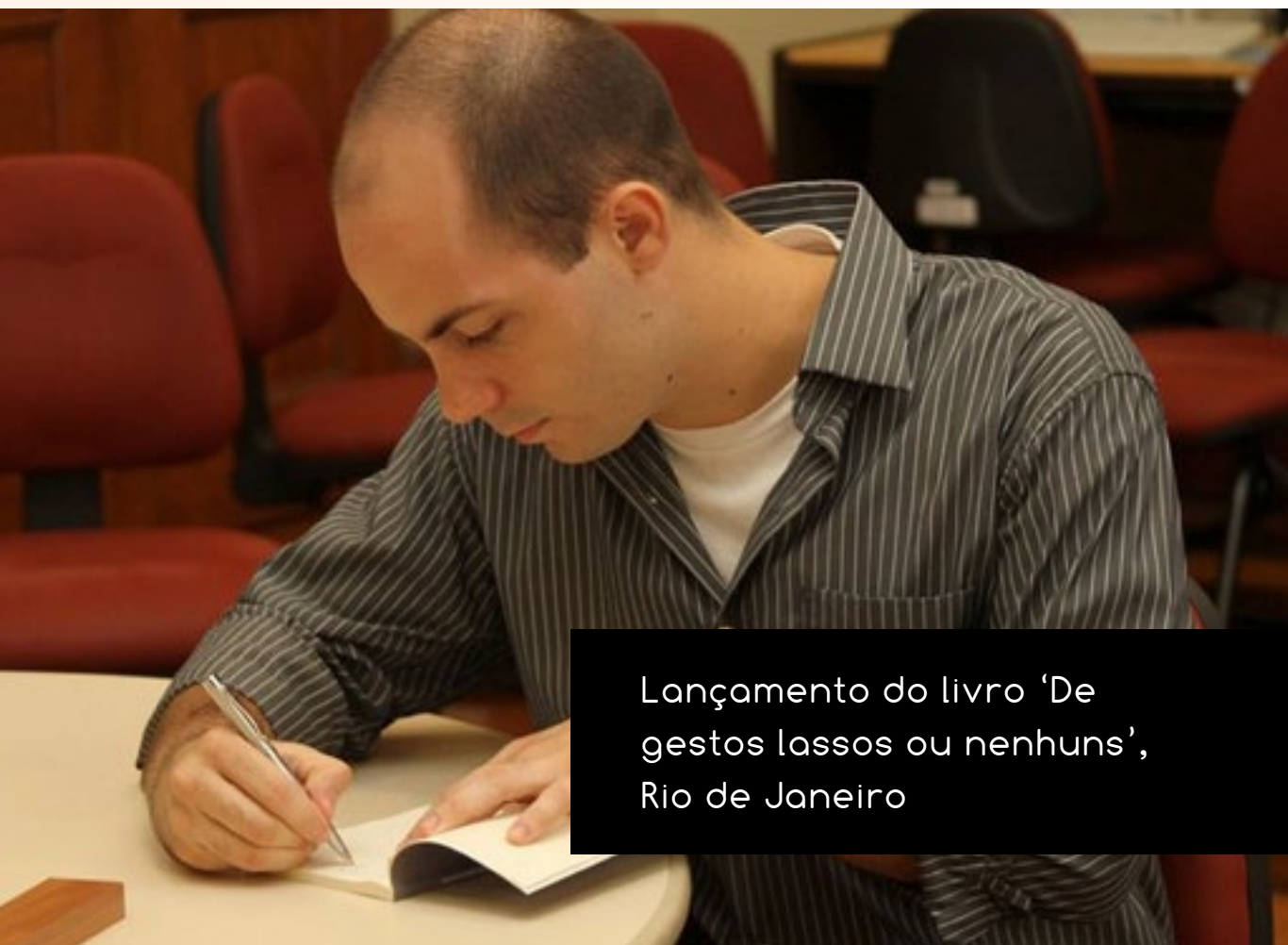
Rigor que parece não faltar a sua própria obra, cada vez mais distante do universo midiático da poesia performática, e cada vez mais conceituada entre poetas, críticos e intelectuais. Seu último livro, “De gestos lassos ou nenhuns”, mesmo com



Ponce com
poetas paulistas

linguagem não facilitada (ou por causa dela), arrebatou elogios de poetas importantes como Paulo Henriques Britto, Armando Freitas Filho, Vistor Sosa, entre outros. Aos 24 anos, nunca é demais lembrar, Thiago Ponce de Moraes se firma como um dos principais nomes da poesia bra-

sileira na contemporaneidade, como uma poesia que busca incessantemente sua linguagem, encontrando-a no próprio ato do fazer poético e não se deixando influenciar por facilidades momentâneas, concentrando-se na consistência de sua própria obra. ■



Lançamento do livro 'De gestos lassos ou nenhuns',
Rio de Janeiro



IMP (2006)

Autor: Thiago Ponce de Moraes

Editora: Caetés

Thiago Ponce de Moraes, neste livro de estréia, mostra sua vocação para mutações - permutações da linguagem virando do avesso o discurso do cotidiano e o lirismo comedido, em busca de outras direções para a jornada poética.



De gestos lassos ou nenhuns (2010)

Autor: Thiago Ponce de Moraes

Editora: Lumme Editor

O volume faz parte da coleção Caixa Preta, que tem como proposta publicar livros de autores brasileiros que realizam uma pesquisa poética imaginativa e com artesanato de linguagem.



A verdadeira identidade de Carlos Zéfiro

Espetáculo revela como o quadrinista pornô se manteve ileso durante a ditadura

por Leandro Bertholini

De dia, pacato funcionário do Ministério do Trabalho, pai de cinco filhos; à noite, especialmente de madrugada, frequentador do melhor da boemia carioca dos anos 50/60, fonte inesgotável de inspiração para a criação de mais de

500 contos pornôs, sob a forma de quadrinhos, que fizeram a iniciação sexual de toda uma geração e o transformaram em lenda do erotismo brasileiro.

O carioca Alcides Caminha, morador do subúrbio carioca de

Anchieta, levaria para o túmulo o segredo sobre sua outra identidade não fosse a obstinação do jornalista Juca Kfoury, então editor da revista Playboy, de desvendar um dos maiores mistérios do submundo do mercado editorial do Rio de Janeiro: a verdadeira identidade de Carlos Zéfiro.

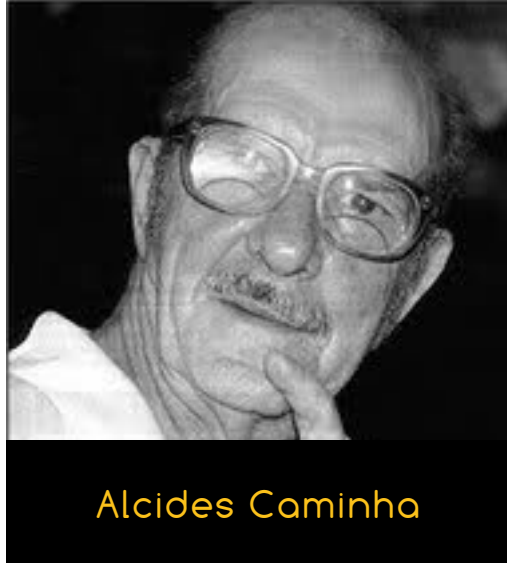
É dessa reportagem investigativa, publicada na revista masculina, em 1991, que surge o mais novo espetáculo do autor e diretor paranaense Paulo Biscaia Filho, em parceria com a atriz Clara Serejo: “Os Catecismos Segundo Carlos Zéfiro”. Biscaia e Clara retomam a relação iniciada anos

“... Passou ileso pelo período da ditadura...”

atrás, quando a atriz produziu um espetáculo da companhia Vigor Mortis, e teve sequência em 2009 com a peça “A Janela e o Jardim”. Contemplada com patrocínio pelo edital da Eletrobrás, Clara teve longa jornada até obter a autorização da família para encenar a história sobre a vida de Alcides/Zéfiro: “não foi fácil conseguir os direitos de adaptação, mas valeu muito a pena. A história do Zéfiro é linda, muito

interessante, eu precisava encená-la”. Biscaia, por sua vez, ganhou uma bolsa da Funarte para escrever o texto: “o Carlos Zéfiro é um mito do erotismo nacional, e é um prazer levar a história dele para os palcos”, admite o diretor.

Casado desde os 25 anos com Dona Serat, Alcides Caminha trabalhou no setor de Imigração do Ministério do Trabalho e sempre escondeu a dupla identidade por medo de perder a aposentadoria – havia uma lei que condenava as chamadas “condutas escandalosas” dos servidores públicos. Com a utilização de



Alcides Caminha

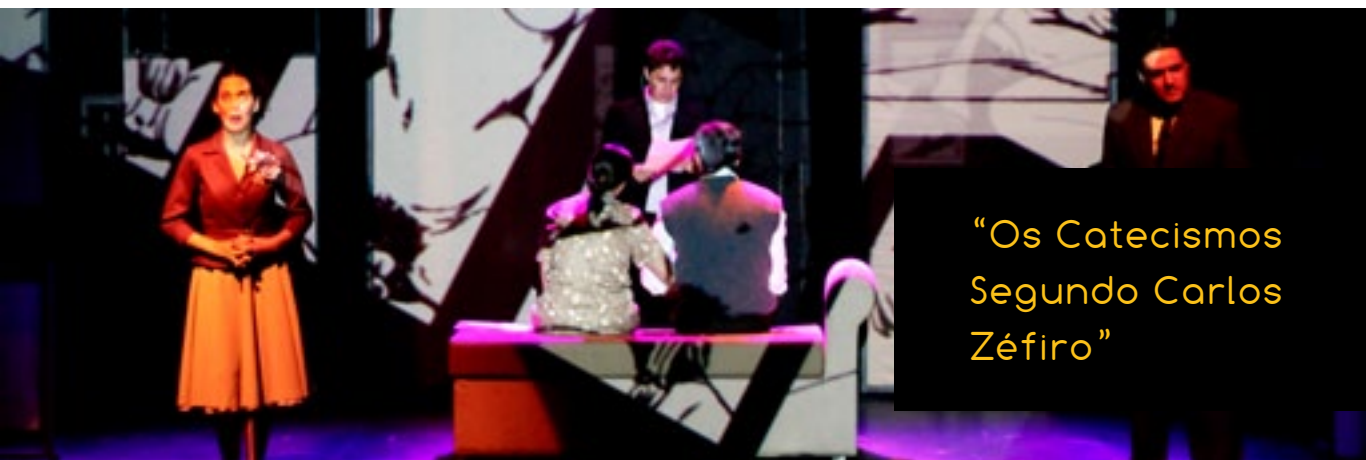
seu pseudônimo (Carlos Zéfiro) passou ileso pelo período da ditadura, sem deixar pistas da sua verdadeira identidade e ainda conseguiu se comunicar com os jovens por meio de seus contos eróticos em quadrinhos. Em 1970, foi realizada em Brasília uma investigação para descobrir o autor das obras pornográficas. Chegou-se a prender por três dias o editor Hélio Brandão, amigo do

artista, mas a investigação terminou inconclusa.

Mesmo sendo um sucesso absoluto com tiragem em todo Brasil, Zéfiro se manteve incógnito até a publicação da reportagem da Revista Playboy, no fim de sua vida durante a década de 90. Compositor bissexto, parceiro de Nelson Cavaquinho e Guilherme de Britto, foi autor da letra de “A rosa e o espinho”, mas não fez questão de levar o crédito pela obra. Esse detalhe foi, curiosamente, a principal pista

que levou Juca a descobrir a verdadeira identidade de Zéfiro.

O espetáculo “Os Catecismos Segundo Carlos Zéfiro” acaba de fazer uma temporada de sucesso no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) do Rio de Janeiro e fez uma breve passagem pelo emblemático Teatro Guaíra, em Curitiba. No início do segundo semestre, a peça seguirá para São Paulo e este ano é forte candidata aos principais prêmios do teatro brasileiro. ■





Estampa, arte, comunicação

As estampas que dizem quem você realmente é.

por Clarissa Affonseca

A comunicação do ser humano acontece em vários níveis de linguagem, mas à primeira vista, a fala e a escrita parecem ocupar, grande parte (se não

toda) dessa manifestação. Livros e mais livros, rádio, música, televisão e se diminuirmos o volume, o que sobram são somente imagens e palavras. Essa comunicação visual, que

vem desde as artes rupestres, é explorada estrategicamente pelos designers de moda através da estamparia a fim de agregar uma identidade própria a esses produtos. Além disso, a sociedade na qual vivemos é tão cruel para o indivíduo com falta de tempo que tudo que é de mais fácil assimilação, tal qual a imagem, é valorizado.

“... Uma imagem
pode dizer mais
que mil pala-
vras...”

A Camiseteria é
uma empresa que foca

na produção de estampas exclusivas em modelagens básicas de camisa. Essa forma de atuar no mercado abrange um público eclético que tem o desejo de ver em suas roupas a exemplificação daquilo que eles acreditam ser característica de sua individualidade. A famosa ideia de que “uma imagem pode dizer mais que mil palavras” é o lema que movimenta as empresas que tem foco nesse nicho.

Porém, como um diferencial num mercado já existente, a Camiseteria inova na parte de desenvolvimento de suas estampas. Ao invés da própria empresa trabalhar na área de cria-



Camiseteria[👑]

ção, o site deles abriga uma comunidade na qual qualquer pessoa pode participar, idealizando e enviando estampas que são votadas e escolhidas pelos próprios membros. Os ganhadores recebem um crédito para compras dentro do site e um valor em dinheiro, além de as estampas escolhi-

das serem produzidas e comercializadas no mesmo endereço eletrônico.

Esse processo, além de valorizar o trabalho de pessoas desconhecidas, utiliza as mesmas como reguladoras para saber quais são os desejos e os interesses do público alvo, já que os usuários da

comunidade da Camiseteria são também potenciais clientes da marca. Essa relação mútua coloca os consumidores numa posição privilegiada por poder obter um produto que realmente tenha uma relação pessoal com eles.

No final das contas, não importa se você acha que é o super-homem ou a mulher-maravilha. Se estiver estampado na sua camisa tudo fica tão evidente que você não perde tempo se explicando pra ninguém.■



Estampa Camisteria



novo
DEGASE
TV

NO AR



‘TV Novo Degase’ no ar

Como uma iniciativa não ortodoxa mudou a vida destes adolescentes.

por Rafael Farah

Anossa sociedade navega em um mar infinito de pré-conceitos e é inevitável que estes venham a ser repensados de tempos em tempos. No entanto, existe um que vai além de rótulos, sendo base de inúmeras discussões filosóficas, como a questão da índole do ser humano. Este conceito diz que uma vez transgredida a lei, o autor é taxado como pária e é incapaz de se reabilitar. Como em todo pensamento obsoleto, mudanças são inevitáveis e – mesmo com anos de

atraso – o sistema sócio educativo brasileiro vem reinventando essa teoria com a ajuda de uma iniciativa de Eduardo Caon, Coordenador de Comunicação do DEGASE.

Para quem não conhece, o nome da instituição significa Departamento Geral de Ações Socioeducativas e, ao contrário do que muitos pensam, o seu objetivo atual é pedagógico, além da meta original, que é de executar as medidas judiciais aplicadas aos adolescentes em con-



Leandro Bertholini, ator, dramaturgo e redator da Crase dá entrevista para o programa.

flito com a lei. Em virtude dessa mudança, o órgão passou a fazer parte do sistema de educação do Estado do Rio de Janeiro. Contudo essa não foi a única mudança. Uma visita rápida a algumas das unidades espalhadas pela terra da Guanabara

mostra a evolução estrutural das construções. Das paredes depredadas às instalações mal cuidadas devido ao descaso e omissão do governo, restaram apenas memórias. Atualmente, as transformações são visíveis e extremas. Esta nova ati-

tude do Estado perante o órgão possibilitou, ao coordenador, sonhar. Mesmo tendo ouvido inúmeras vezes que aquela ideia parecia loucura, o coordenador não se deixou abalar e seguiu em frente. Quando perguntado sobre as dificuldades para lançar o projeto, ele diz que “o problema maior foi tirar do papel”. Uma verdade para sonhos de todos os tamanhos.

A TV Novo DEGASE foi criada para promover uma quebra do preconceito sofrido por menores institucionalizados. Com produção feita por adolescentes em conflito com a lei, jovens do próprio

DEGASE, o veículo trazer programas voltados para o incentivo à alfabetização, à cultura, de cunho religioso, telejornais internos, temas sociais, profissionalizantes, entrevistas com autoridades, formadores de opinião etc. A TV é exibida dentro das muitas unidades da instituição, além de ter seu próprio canal no Youtube. A meta do projeto, de acordo com o coordenador, é “abrir uma janela eletrônica para o mundo, desmistificando esta mentalidade arcaica de que o menor em conflito com a lei é algum tipo de animal, sem propósito ou possibilidade de futuro”. O projeto fez tanto sucesso



Dinheiro do governo
mais do que bem gasto.

que hoje é visto como modelo para outras instituições Brasil afora.

“... Ali se encontram - fundamentalmente - crianças...”

Problemas e Soluções

É de se esperar que uma iniciativa como essa tenha seus contratempos. Surgiram limitações, para as quais os integrantes da TV Novo DEGASE tiveram que buscar soluções criativas.

Paulo Ballado, diretor do projeto, conta que um dos problemas que tiveram no início foi

como fazer vídeos dos adolescentes sem mostrar seus rostos – a lei proíbe que os menores sejam identificados publicamente. A princípio, apenas recortes eram mostrados em câmera, como olhos e boca, o que neutralizava um pouco o dinamismo das apresentações. Passaram, então, a utilizar o efeito blur, usado para distorcer os rostos, impedindo assim a identificação. Hoje, eles esperam pela aprovação do juiz para usarem disfarces como chapéus e óculos escuros.

Outra dificuldade encontrada pelos organizadores é a formação das “turmas”. “Muitas vezes,



Andressa Werneck, Paulo Ballado e Roberta Pauletich, parte da equipe e “professores” da turma.

o jovem entra para o grupo e, no mês seguinte, é transferido para outra unidade. Nós sempre mantemos contato, mas fica impossível manter o adolescente no grupo”, diz a pedagoga Andressa Werneck, membro e “mãezona” do projeto. “Esta-

mos sempre atentos ao tempo de permanência da pessoa na unidade. Temos uma pré-seleção para as crianças interessadas em participar, composta por profissionais de pedagogia, além de criançauma seleção mais prática, na fazemos testes



de enquadramento, habilidades...”, completa ela.

Os “ditos cujos”

Sentados em uma mesa redonda enquanto se preparam para mais uma gravação, os três adolescentes, integrantes atuais da turma, conversam entre si, discutindo pauta e detalhes de imagem. Dez minutos de conversa são suficientes para perceber que ali se encontram - fundamen-

talmente – crianças como quaisquer outras. “Tenho vergonha, mas quando chega a hora de filmar, dá tudo certo”, conta C, durante a conversa. Vergonha essa firmemente ignorada por A, que não só gosta de estar na frente das câmeras, como a todo momento deleita-se em receber atenção. A curiosidade poderia ser considerada a qualidade mais presente no grupo. A partir de pequenas observações, V levantou, na



mesma hora, questões de grande importância para o programa que seria gravado em breve. Exemplo de dedicação e força de vontade, esses meninos e meninas enfrentam o preconceito diariamente, e apesar da gigantesca carregada por eles, conseguem projetar um futuro, levando para casa toda a experiência adquirida na TV Novo DEGASE.

Essa iniciativa prova a existência de

vida inteligente na Terra, além de demonstrar que, mesmo com um passado teoricamente negativo, com dedicação e possibilidades, portas para o futuro ainda podem ser abertas. Além de responder, na prática, a pergunta: seria o ser humano essencialmente ruim, porém moldado para ter atitudes boas? Ou seria ele basicamente bom, mas sujeito a ser influenciado negativamente pelo ambiente? ■







A Voz do Cinema Mudo

O movimento artístico que revolucionou a indústria cinematográfica.

por Tiago Garcia

Desde o início do cinema em 1895, inventores e produtores sincronizar imagem e som, mas nenhuma técnica deu certo ou era comercialmente viável até a década de 20. Assim sendo, durante 30 anos, os

filmes eram praticamente silenciosos, sendo acompanhados muitas vezes de música ao vivo, outras vezes de efeitos especiais.

Como os sons não podiam vir em auxílio do público, a compreensão

dos filmes era realizada através da inserção de legendas, com o objetivo de tornar os acontecimentos mais claros para os que assistiam a película. Ao longo de trinta anos, o que se conhecia por cinema se resumiu a esta modalidade que, mesmo sem apoio sonoro, já transmitia à platéia a magia que seria sua marca nos séculos posteriores.

O Cinema de Vanguarda foi concebido entre os anos 20 e 30 na França, quando profissionais de correntes artísticas como surrealismo, impressionismo e cubismo resolveram experimentar a linguagem cinema-

tográfica. A estética do movimento vanguardista privilegiava o ritmo e o movimento. O objetivo dos cineastas era chocar a burguesia e causar impacto com sensações a partir de fenômenos visuais em filmes nada comerciais. Exploraram a iluminação e novos ângulos de câmara. O movimento foi se dissipando pela perseguição dos regimes totalitários que assumiram o poder por volta de 1930.

“... Não permitiam a realização deste anseio...”

Os filmes não eram seguidos por uma sonoridade condizente com as imagens nas telas, mas isso não significa que eles eram partidários do silêncio absoluto. Eram remotos os sonhos de sincronizar cenas dos filmes com registros sonoros próprios. Os avanços tecnológicos ainda eram incipientes, não permitiam a realização deste anseio.

Enquanto isso, vários ensaios se sucediam nesta área, na Europa e nos EUA. Apesar da ausência do som, as altas classes eram atraídas para esta esfera cultural, renovações eram introduzidas na produção dos filmes, todo o

potencial dessa nova arte era explorado, mas a projeção cinematográfica criada pelos Lumiére ainda não era utilizada em todas as suas inúmeras possibilidades.

A chegada do primeiro filme sonoro, *The Jazz Singer* (1927), causou controvérsias no meio cinematográfico. Grandes cineastas rejeitaram a nova técnica. Na França, René Clair e Abel Gance foram os principais opositores do filme sonoro. Serguei Eisenstein e Dziga Vertov, da União Soviética, achavam que o som diminuía e vulgarizava a sétima arte. Serguei Eisenstein escreveu o “Manifesto do Som”,

contra a implementação da técnica. Charles Chaplin, mesmo quando todos os filmes já eram sonoros, resistiu, dirigindo dois filmes mudos: “Luzes da Cidade” (City Lights), em 1931; e “Tempos Modernos” (Modern Times), em 1936. Mesmo depois de grande

resistência, “Luzes da Cidade” foi lançado com música sincronizada. Com o sucesso de “O Cantor de Jazz”, os estúdios, que a princípio acreditavam no filme como um modismo passageiro, constataram que o gênero viera em definitivo.■



Luzes da Cidade (1931)



Tempos Modernos (EUA, 1936)

Nesse filme não há meio termo, Chaplin realmente quis passar uma mensagem social. Máquina tomando o lugar dos homens, as facilidades que levam a criminalidade, a escravização. O amor também surge, mas surge quase paternal: o de um vagabundo por uma menina de rua.



O Encouraçado Potemkim (Rússia, 1925)

Em 1905, na Rússia czarista, aconteceu um levante que pressagiu a Revolução de 1917. Tudo começou no navio de guerra Potemkin quando os marinheiros estavam cansados de serem maltratados. Louco de ódio, um oficial tenta agarrar um dos rifles e provoca uma revolta no navio, na qual o marinheiro é morto. Mas isto seria apenas o início de uma grande tragédia.

ANUNCIE AQUI

Não gasta tinta nem papel.

contato@revistacraxe.com.br

“À medida que o tempo passa, cada vez mais o brasileiro fica desacorçoado...”

REVISTA
CRASE

Pra quem pensa.
Ao contrário.



A voz das diferenças

Os ditos “defeitos” podem ser o “algo mais”.

por Cadu Senra

Todos os instrumentos são igualmente importantes para a música, e vê-los em harmonia na execução de uma canção é sempre um prazer para os ouvintes. É normal para o público ter suas preferências, porém, até historicamente, a voz sempre foi um caso à parte. Tão à parte que, até o séc. XVI, pode-se

dizer que os outros instrumentos musicais eram usados única e exclusivamente como acompanhamento para ela. Fato esse que contribuiu muito para a criação do mito do vocalista, o líder de tudo, quase um Semi-Deus. Entretanto, que qualidades fazem alguém ser o porta-voz de uma banda, ou o seu centro

das atenções? Será a precisão técnica? A imagem? Bom, os fatores são variados e, de vez em quando, até contraditórios.

“... A música não é uma ciência exata...”

Algumas das expectativas quanto a um instrumento musical são: que ele não tenha danos ou defeitos de fabricação; que atinja as notas necessárias; e que seja bom o bastante para nunca deixá-lo na mão. Como a voz não pode ser fabricada em lugar algum, cabe ao aparelho fonador – essa orquestra de órgãos formada

por pulmões, traquéia, laringe (cordas vocais e glote), lábios, dentes, alvéolos, palatos (mole e duro) e língua – o papel da representação física desse instrumento. Tendo isso em vista, o vocalista perfeito não deveria ter qualquer tipo de problema em nenhuma parte desse aparelho, certo? A resposta, entretanto, é negativa, pois a música não é uma ciência exata, apesar de ter usado a matemática como um de seus alicerces. Portanto, de vez em quando, o que pode parecer um defeito é, na verdade, o fator que faz toda a diferença. Na música brasileira, encontramos alguns gênios que nos ajudam a ilustrar bem a situação.



Tião Neto, Tom Jobim, Stan Getz,
João Gilberto e Milton Banana em NY

Capaz de comandar multidões com suas letras pensantes e interpretações inflamadas, Cazuzza estava longe de ter a “voz” ideal, segundo os padrões técnicos. O astro possuía um problema, não muito acentuado de dicção, por ter, no popular, a “língua presa”. Isso nunca o atrapalhou em cima dos palcos e tornou sua voz única.

Assim como ele, podemos citar alguns ídolos da bossa nova como, Tom, Vinicius e João Gilberto. Os dois primeiros possuíam vozes fortes e características, porém sem grande extensão e roucas – dado à falta de cuidado que tinham com suas cordas vocais. Eram vozes “limitadas” que, no entanto, não os impediram de conquistar o Brasil

e o mundo, deixando milhares de adolescentes apaixonadas ao ouvirem suas músicas. O terceiro criou o único e elogiado estilo sussurrante de cantar, estilo que é extremamente condenado por professores de canto, exatamente por danificar a voz em longo prazo.

Esses exemplos nos levam a enxergar que, para cantar, é essencial sentir. Por isso, o cantar “bem” pode ser interpretado de várias formas, e sempre por dois juízes

básicos: o cérebro e o coração. O cérebro nos mostra a técnica, que está aí para nos ajudar, mas não para nos limitar, como às vezes acaba acontecendo. Já o coração nos lembra que quando a técnica nos faltar, é só fechar os olhos e se deixar levar pelo mais simples e sincero sentimento. Não importa quantas falhas uma voz tenha. Se quem a possui a usa de forma sincera e, claro, afinada (requisito mínimo), essa pessoa torna-se o vocalista ideal. ■





LADYTRON

A banda Inglesa de música eletrônica mostra que domina seus sintetizadores tão bem quanto é capaz de criar bons refrões. Com influências da banda alemã Kraft Werk, pioneira no estilo, o Ladytron abusa de arranjos hipnóticos magistralmente acompanhados por suas vocalistas.

Álbum destaque:

Witching Hour (2005)



Kraftwerk

Synthpop

Álbum destaque:

Radioactivity (1975)



Spleen United

Rock, Synthpop

Álbum destaque:

Godspeed Into the Mainstream (2006)



Seja diferente.

Seja **CRASE.**



Na ponta dos dedos

A negligência do povo brasileiro para com o poder do voto.

por Bruno Buhr

Por mais que as eleições pareçam um tema distante, deve-se alertar que o assunto urge, e deve pulsar nas prosas dos bares, nas mesas de famílias, em escolas e universidades públicas e privadas.

Como é de conhecimento dos leitores, o tema do mês repousa sobre a linguagem não verbal. Como adequar a discussão política cuja natureza é essencialmente verbal ao espectro não verbal da comunicação?

Um dos chavões políticos mais conhecidos do Brasil é: “O futuro está em nossas mãos”. De fato, duvidar dessa premissa é duvidar da própria democracia, no entanto é possível adaptar a máxima aos novos tempos: “o futuro está na ponta de nossos dedos”.

“... Um sujeito de direitos e deveres...”

Está na ponta de nossos dedos o poder de eleger não candidatos, mas plataformas, projetos e planos de governo que realmente contribuam para o desenvolvimento do país e

não das contas bancárias dos candidatos.

Outro clichê que é martelado nos ouvidos da população em todas as eleições é o de que “o voto é o exercício da cidadania”, mas o que é a cidadania? O cidadão é, resumidamente, um sujeito de direitos e deveres, entre eles, os políticos, participando de forma ativa nas decisões da sociedade em que vive. Esta definição genérica encontra-se apoiada no sistema do sufrágio universal, traduzido pelo direito de votar e ser votado.

Isto posto, pode-se retificar o lugar comum, que encabeça o



último parágrafo, com o acréscimo da expressão “consciente”, apenas assim o voto pode ser considerado uma via ajustada para o exercício da cidadania. Do contrário, presta-se um desserviço à população, a pena se anuncia dura: dezenas de Tiriricas e Bolsonaros espalhados pelo congresso e outros tantos na esfera estadual e municipal.

Portanto pode-se entender o voto como

a forma de comunicação entre o povo e seus governantes, o modo pelo qual se elegem as plataformas, que se determinam os caminhos a serem seguidos, os passos que o país dará em um considerável período.

É culpa de nossos representantes a treva em que se encontra grande parte das políticas públicas? Esse argumento ignora o fato de que esses senhores

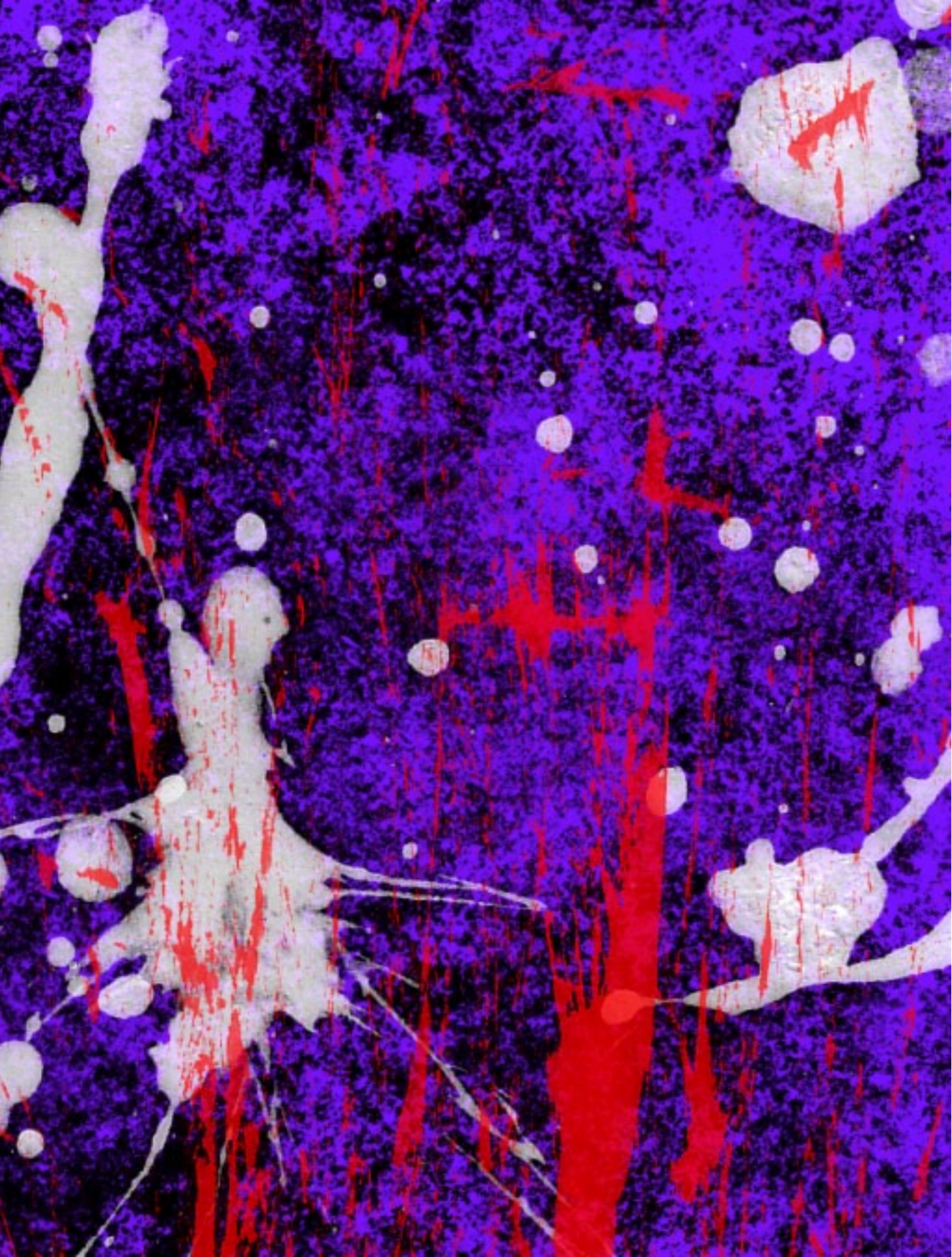
adentraram o congresso ou qualquer cargo político pelas portas escancaradas da democracia.

Através dos botões pressionados na urna eletrônica, pode-se armar uma bomba cujos efeitos podem ser perpetuados para além dos mandatos de nossos representantes. Em contrapartida, o voto depositado com consciência é capaz de conceber os alicerces de uma estrutura calcada no bem estar social.

Votar é mais complexo que apertar uma sequência de teclas. Envolve um mínimo de atenção e curiosidade de pesquisar, um pouco que seja, sobre os feitos progressos dos candidatos em questão, com o fito de se precaver contra os astutos que rondam o erário público.

Deste modo, deve-se encarar o gesto inaudível do voto como a voz imperativa que define os rumos do país. Por isso, façam-se ouvir.■

**VOTO NÃO TEM PREÇO,
TEM CONSEQÜENCIA**







'Zé' Antônio, como é conhecido pelos amigos, é publicitário e há pouco tempo trabalha como autônomo, após 15 anos de experiência em uma grande agência de publicidade. Formado em Psicologia e Publicidade, Zé ainda conta com duas pós-graduações: uma em Ciências Sociais e outra em Psicologia Comportamental. Nos seus quase 40 anos de idade, José trabalha 10 horas por dia e afirma nunca ter sido tão feliz. Diz ter Síndrome de Peter Pan, esbanja uma coleção de chapéus de botar inveja e é aficionado em pinturas surrealistas.

Aprenda a Entender

Quando me convidaram para fazer escrever sobre “comunicação sem voz”, a princípio fiquei sem reação, meu cérebro não soube processar devidamente a informação. A ideia de me comunicar sem falar uma palavra pareceu absurda, até que como um soco no rosto, entendi: a voz não é necessariamente uma figura concreta. Ela é um conceito acima de tudo. Pode ser palavras em um papel, as atitudes de uma pessoa (ou a falta delas) e etc. Explicado o meu entendimento do tema, vamos ao texto propriamente dito.

Eu, como publicitário, vejo a comunicação como uma via para o mundo – não é tão óbvio quanto parece. A forma como nos comunicamos, na maioria das vezes, é mais importante do que o conteúdo dessa “fala”. Costumo dizer que o som que sai da boca das pessoas é apenas distração para o que elas realmente estão dizendo, como um mágico, que distrai a platéia antes de fazer um truque, e como tal, se mune de uma coletânea de truques diferentes. É do meu entender, neste con-

texto, que para haver compreensão, é necessário que antes haja um entendimento das muitas formas de comunicação. Onde estão, como notar e o que “ler” são imprescindíveis para um bom entendedor.

O ato de se comunicar é uma das habilidades mais básicas do ser humano e, mesmo assim, alguns de nós ainda pecam na hora de “passar a informação”, digamos assim, e como em um jogo de telefone sem fio, a última pessoa a ouvir sempre recebe a informação errada. Era de se imaginar, que com os inúmeros avanços tecnológicos e a democratização da internet, teríamos mais facilidade para nos comunicarmos uns com os outros, mas o que vem realmente acontecendo é a desestruturação da língua portuguesa e a extinção da capacidade das crias desta nova geração de interagirem uns com os outros, ao vivo e em cores.

José Antônio

REVISTA
CRASE

**Leve todas as
edições da Revista
Crase com você.**

Pra quem pensa. Ao Contrário.

m.revistacrase.com.br/edicoes

REVISTA CRASE



edição atual | edições anteriores

blog da redação | colunas | facebook | twitter

REVISTA CRASE

CRASE